

# Introdução ao psicodrama

JAIME G. ROJAS-BERMÚDEZ



Do original em língua espanhola  
*¿QUÉ ES EL PSICODRAMA?*  
Copyright © 1970, 1977, 1980, 2016 by Jaime G. Rojas-Bermúdez  
Direitos desta tradução adquiridos por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Neris**  
Tradução: **José Manoel D'Alessandro**  
Indicação editorial: **Norival Cepeda**  
Capa: **Alberto Mateus**  
Foto de capa: **Alberto Mateus**  
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**  
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

### **Editora Ágora**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 — 7º andar  
05006-000 — São Paulo — SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.editoraagora.com.br>  
e-mail: [agora@editoraagora.com.br](mailto:agora@editoraagora.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

<b>PRÓLOGO À SEGUNDA EDIÇÃO BRASILEIRA</b> .....	11
<b>INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO BRASILEIRA</b> .....	17
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	21
<b>1 A SESSÃO DE PSICODRAMA</b> .....	25
<b>2 TÉCNICAS</b> .....	39
<b>3 TEORIA</b> .....	45
<b>4 PSICOTERAPIA PSICODRAMÁTICA</b> .....	65
<b>5 PSICODRAMA APLICADO</b> .....	73
<b>6 O PSICODRAMA APLICADO AO ENSINO DE PSIQUIATRIA</b> .....	77
<b>7 O PSICODRAMA COMO INSTRUMENTO</b> .....	91
<b>8 O “OBJETO INTERMEDIÁRIO”</b> .....	97
<b>9 A MÚSICA COMO “OBJETO INTERMEDIÁRIO”</b> .....	107
<b>10 MEMÓRIA, JOGO E DRAMATIZAÇÃO</b> .....	115
<b>11 PAPÉIS PSICOSSOMÁTICOS E NÚCLEO DO EU</b> .....	125

<b>12</b>	CONSTRUÇÃO DE IMAGENS .....	131
<b>13</b>	HISTÓRIA DO PSICODRAMA.....	135
	<i>POST-SCRIPTUM</i> .....	145
	<b>NOTAS DO TRADUTOR</b> .....	159
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	161

## Prólogo à segunda edição brasileira

DESDE SUA PRIMEIRA EDIÇÃO, em 1970, este livro vem acompanhando a formação da grande maioria dos psicodramatistas brasileiros. *Introdução ao psicodrama* é um texto de linguagem clara e direta, facilitando ao leitor apreender os principais tópicos da teoria de Moreno, acrescidos de contribuições pessoais do autor. Virtude nem sempre encontrada nos compêndios de psicoterapia, que, em razão da prolixidade, prejudicam o leitor na compreensão global do texto.

Esta segunda edição apresenta modificações que passo a apresentar.

O Capítulo 10, “Memória, jogo e dramatização”, tem outra redação, enriquecida com novos dados, facilitando a compreensão dos conceitos aí emitidos.

Foram acrescentados dois capítulos: o Capítulo 11, “Papéis psicossomáticos e núcleo do Eu”, e o Capítulo 12, “Construção de imagens”. No primeiro, o autor introduz o leitor na sua importante abordagem do desenvolvimento da personalidade por meio de três funções fisiológicas indispensáveis: ingestão, defecação e micção. No segundo, o autor apresenta o processo de construção de imagens no psicodrama, outra contribuição pessoal de Jaime G. Rojas-Bermúdez. Além desses dois capítulos foi acrescentado o “*Post-scriptum*”, para o qual chamamos a atenção do leitor desejoso de conhecer fatos do movimento psicodramático latino-americano e internacional.

A “História do psicodrama”, que, na edição anterior, foi desenvolvida no Capítulo 11, está agora acrescida de informações

referentes ao período entre as duas edições, no Capítulo 13, atualizando o leitor quanto aos recentes rumos do movimento psicodramático latino-americano e internacional.

Aproveitando a oportunidade que me foi oferecida para prologar esta segunda edição, creio que seria interessante para o leitor acrescentar aos informes do movimento psicodramático internacional alguns dos principais acontecimentos do movimento psicodramático brasileiro desse período.

Na Introdução à primeira edição brasileira, foram citados o V Congresso Internacional de Psicodrama e o I Congresso Internacional de Comunidade Terapêutica, a se realizar em São Paulo.

Isso de fato ocorreu, em agosto de 1970, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

A organização do Congresso esteve a cargo do Grupo de Estudos de Psicodrama de São Paulo (GEPSP), sob os auspícios do World Center for Psychodrama, presidido por Jacob L. Moreno; e da Asociación Argentina de Psicoterapia de Grupo y Psicodrama (AAPGP), presidida por Jaime G. Rojas-Bermúdez.

Como coordenador do GEPSP e presidente do Congresso, tive a honra de ver coroado de sucesso nosso empreendimento. Houve uma grande participação brasileira (2,3 mil inscrições) e a presença e colaboração de vários delegados estrangeiros, representando o movimento psicodramático de seus países (Argentina, Escócia, Estados Unidos, França, Holanda, Inglaterra, Japão, Portugal, Suécia, Uruguai, entre outros), com suas contribuições teóricas.

Nos anos de 1969 e 1970, o psicodrama atingiu o ápice de sua divulgação e a América Latina era o terreno em que melhor se desenvolvia. O IV Congresso Internacional de Psicodrama, realizado em Buenos Aires em 1969, presidido por Rojas-Bermúdez, com aproximadamente 1,8 mil participantes, também havia obtido grande repercussão. Nesse Congresso, estiveram presentes muitos brasileiros.

Infelizmente, por ocasião do V Congresso Internacional de Psicodrama, começavam a surgir divergências tanto dentro do

GEPSP como dentro da Equipe Argentina, que ministrava a formação em São Paulo. Pouco tempo depois, o GEPSP e a Equipe Argentina cindiam-se internamente.

Os elementos do GEPSP formaram duas facções, que, em pouco tempo, se organizaram como entidades jurídicas: a Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama (ABPS), que permaneceu vinculada a Rojas-Bermúdez e à AAPGP, e a Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP), que manteve ligações com alguns elementos da Equipe Argentina, recém-desligados da AAPGP. A SOPSP, nos anos posteriores, continuou recebendo supervisão teórica de ex-alunos dissidentes de Rojas-Bermúdez.

Essa divisão enfraqueceu, ao menos temporariamente, o movimento psicodramático brasileiro. Muitos alunos do primeiro e segundo ano do antigo GEPSP não se filiaram nem à ABPS nem à SOPSP, abandonando sua formação.

O movimento psicodramático brasileiro, porém, nunca parou de crescer.

Do antigo GEPSP, originaram-se dez núcleos de formação psicodramática, em várias cidades brasileiras: Brasília, Campinas (2), Curitiba, Porto Alegre, Ribeirão Preto e São Paulo (4).

Alguns desses núcleos tiveram sua origem e desenvolvimento a partir da atuação direta e pessoal de alunos do antigo GEPSP, outros por meio de ligação direta com as entidades jurídicas psicodramáticas já existentes.

Conforme referi anteriormente, membros do GEPSP formaram a ABPS e a SOPSP. A ABPS deu origem ao núcleo de Brasília; a SOPSP, ao núcleo de Porto Alegre; e a ABPS e a SOPSP, conjuntamente, ao núcleo de Curitiba.

Participei pessoalmente da criação da ABPS (1970) e organizei a fundação da Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama (ACPS, 1973), do Instituto de Psicodrama de Ribeirão Preto (IPRP, 1975) e do Instituto Brasileiro de Psicodrama (IBP, 1976 – São Paulo).

Além dos núcleos citados, surgiram mais um em Campinas e outro em São Paulo.

Todos esses núcleos, após a formação das primeiras turmas, mantêm independência administrativa das entidades fundadoras ou dos fundadores pessoais.

Existem, ainda, outros núcleos de psicodrama no Brasil que não têm suas raízes no GEPSP.

Em Salvador, a Associação Baiana de Psicodrama (Asbap), que iniciou suas atividades após a realização da 1ª Semana de Psicodrama da Bahia em julho de 1973 e coordenada pelo dr. Waldeck d'Almeida, recebe orientação didática direta de Rojas-Bermúdez.

Os demais núcleos estão ligados a P. Weil, há muitos anos radicado em Belo Horizonte, que recebeu sua formação psicodramática na França. Seus trabalhos e orientação teórica diferem em muitos aspectos da linha psicodramática seguida nos núcleos que têm ou tiveram ligações com Rojas-Bermúdez, o qual recebeu sua formação psicodramática em Beacon, com o criador do psicodrama J. L. Moreno.

Pessoalmente, e como representante de entidades jurídicas psicodramáticas, continuei a manter relações profissionais e de amizade com Rojas-Bermúdez e a AAPGP.

Dessas relações surgiram quatro Encontros Argentino-Brasileiros: Buenos Aires (1972), Guarujá (1973), Mendoza (1974), Cafayate (1976) e um Congresso Latino-Americano de Psicodrama (Buenos Aires, 1975). Esses encontros foram organizados pela ABPS e pela AAPGP. No final de 1973, embora desligado da ABPS, continuei na organização dos encontros, na condição de membro fundador da Federação Latino-Americana de Psicodrama (Flas, 1973). Esses encontros têm como objetivo manter um intercâmbio de conhecimentos, indispensável ao crescimento científico. Vários trabalhos brasileiros surgiram, numa contribuição nacional para o enriquecimento da teoria psicodramática.



Esses eventos, com os estímulos e motivações que produzem, propiciaram a exposição de trabalhos sobre minhas experiências profissionais e produções científicas elaborados nesse período: em Buenos Aires (1972), “O papel-objeto”; no Guarujá (1973), “O papel do dormidor”; em Buenos Aires (1975), “O papel da ação na atividade psíquica”; e, em Cafayate (1976), “O psiquismo em repouso e em ação”. Estes dois últimos temas fazem parte do livro *Psicodrama e psicoterapia*, que editei em dezembro de 1976.

Segundo as informações de que disponho, ocorreram apenas três jornadas entre núcleos de formação brasileiros: Ribeirão Preto (1975), Campinas (1976) e Águas de São Pedro (1976). Essas jornadas foram organizadas pelo IBP, pela ACPS e pelo IPRP. As duas primeiras jornadas foram dirigidas por Rojas-Bermúdez, que apresentou sua teoria do núcleo do Eu e o manejo de jogos dramáticos. Na última jornada, apresentei a teoria da distribuição bioenergética e psicodrama, contida no livro *Psicodrama e psicoterapia*. Participaram dessas jornadas os membros do IBP, da ACPS e do IPRP.

Entretanto, muitas dessas realizações nem sempre tiveram a colaboração daqueles núcleos que não participaram dessas promoções, ainda que convidados a fazê-lo. O desenvolvimento de vários núcleos ocorreu de forma independente e inarticulada.

Somente agora os núcleos estão se unindo, por meio da criação da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap), oficializada em novembro de 1976. Essa entidade objetiva reunir todos os núcleos de psicodrama existentes no Brasil, e está dentro de seus planos a realização do I Congresso Brasileiro de Psicodrama, ainda este ano. Estão imbuídos dos mesmos anseios de união e cooperação o IBP, a ACPS e o IPRP, entidades fundadoras da Febrap, às quais estou diretamente vinculado desde suas origens.

Espero ter demonstrado ao leitor que não houve nenhum hiato histórico no movimento psicodramático brasileiro, de 1970 até a fundação da Febrap, como provam as realizações desse pe-

riodo: congressos, encontros, jornadas, realizações teóricas e criação de novos núcleos.

A Febrap conseguiu reunir 14 núcleos fundadores, 11 dos quais originados de psicodramatistas que receberam sua formação psicodramática de Rojas-Bermúdez.

Esses números são citados para que o leitor perceba a importância histórica e científica do autor deste livro.

Rojas-Bermúdez e sua obra estão estreitamente vinculados aos principais acontecimentos do movimento psicodramático internacional, particularmente da América Latina e do Brasil.

Foi, para mim, uma honra prologar esta segunda edição de *Introdução ao psicodrama*, pela oportunidade de esboçar o histórico do movimento psicodramático brasileiro, pela importância científica desta obra e pelos laços profissionais e de amizade com Rojas-Bermúdez.

*Alfredo Correia Soeiro*  
São Paulo, janeiro de 1977

## Introdução à primeira edição brasileira

ATÉ 1968, O PSICODRAMA era muito pouco conhecido entre nós.

Poucos eram os que trabalhavam com essa técnica e a formação era feita de maneira autodidata. O dr. Jaime G. Rojas-Bermúdez já era conhecido por sua atuação no II Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, realizado em 1966, em Barcelona, do qual participaram alguns profissionais paulistas. Posteriormente, durante a realização do V Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo, em 1967, em São Paulo, entramos em contato direto com o dr. Rojas-Bermúdez. Nessa ocasião, dirigi um psicodrama público, aberto aos congressistas, e mais dois ou três em ambientes profissionais, aceitando convites que lhe fizemos. Esses psicodramas foram o catalisador de uma reação em cadeia que vem modificando o meio psiquiátrico de São Paulo.

Já se fazia sentir a necessidade de uma psiquiatria que se dirigisse mais aos núcleos sociais, que saísse dos consultórios, que empregasse métodos psicoterápicos mais dinâmicos e, ao mesmo tempo, fizesse que nossos hospitais fossem centros de uma psiquiatria social. Que outra técnica e outro espírito poderiam vingar nesse meio, senão os do psicodrama e da sociometria? Não podemos nos esquecer que Moreno iniciou seu trabalho, o trabalho de sua vida, nas ruas, nas praças e nos campos de refugiados. Só posteriormente é que passou ao consultório, mas sempre se dirigindo a grupos estranhos a este.

Nesse ambiente, foi fundado o Grupo de Estudos de Psicodrama de São Paulo (GEPSP), em fevereiro de 1968, pelo dr. Jaime G. Rojas-Bermúdez. Teve início, então, a formação regular de psicodramatistas. Em abril de 1969, o grupo filiou-se à Asociación Argentina de Psicodrama y Psicoterapia de Grupo. No momento, o GEPSP conta com cerca de 140 médicos e psicólogos, que fazem sua formação de Diretores e Egos-auxiliares de Psicoterapia Psicodramática, além de mais de 60 pedagogos e professores que fazem o curso de Diretores e Egos-auxiliares de Técnicas Dramáticas Aplicadas ao Ensino. O psicodrama, o sociodrama e o treinamento de papéis estão sendo largamente aplicados. Alguns médicos e psicólogos de cidades do interior de São Paulo, como Campinas, Ribeirão Preto, Araçatuba, e também de algumas capitais de outros estados, como Rio, Belo Horizonte, Curitiba e Recife, estão fazendo sua formação nos cursos do GEPSP.

Existe uma movimentação dentro de nossos hospitais. Procuramos novas diretrizes no atendimento aos pacientes e, nessa procura, o psicodrama, o sociodrama e a sociometria estão presentes como sinais indicativos fundamentais. Não é por acaso que, juntamente com o V Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, será realizado o I Congresso Internacional de Comunidade Terapêutica. O Brasil e particularmente São Paulo têm a honra de ser sua sede.

Em outro campo, as escolas também são atingidas. Técnicas dramáticas começam a ser empregadas no ensino e na orientação pedagógica.

Como molas propulsoras, os cursos de formação e as equipes de trabalho do GEPSP (equipes de diretores, de egos-auxiliares, de publicação, de difusão para o interior e outros estados, de sociometria, de pedagogia etc.) estão em pleno funcionamento.

Nos grupos de treinamento de papel, parte fundamental dos cursos de formação de psicodramatistas, de terapeutas e não terapeutas, a cada momento esbarramos com a dificuldade de encon-

trar a bibliografia necessária. Não temos, até o presente, nenhuma obra de Moreno publicada em português<sup>1</sup>. As obras publicadas em outras línguas são difíceis de ser encontradas. Um dos textos básicos mais usados por nós é o *¿Qué es el psicodrama?*, de Rojas-Bermúdez (Ed. Genitor, Buenos Aires, 1967). Utilizamos também alguns de seus artigos, publicados em números da revista *Cuadernos de Psicoterapia* (Ed. Genitor, Buenos Aires). Esses números, na sua maioria, estão esgotados. Visando minorar essa dificuldade, durante os contatos que mantivemos com o dr. Rojas-Bermúdez, surgiu a ideia de publicar, em português, o texto do livro *¿Qué es el psicodrama?*, ampliado no capítulo “A sessão de psicodrama” e acrescido dos artigos mais importantes publicados na citada revista, além do capítulo “Memória, jogo e dramatização”, inédito ainda.

*Introdução ao psicodrama* é um texto básico para aqueles que iniciam a formação de diretor ou de ego-auxiliar, tanto para os psicoterapeutas quanto para os professores, pedagogos etc.

José Manoel D'Alessandro  
São Paulo, maio de 1970

---

1. Nos últimos anos, a Editora Ágora publicou três livros de Moreno: *Fundamentos do psicodrama*, *O teatro da espontaneidade* (ambos em coedição com o Daimon) e *Jacob Levy Moreno – Autobiografia*. [N. E.]

# Introdução

O PSICODRAMA É UMA técnica psicoterápica cujas origens se acham no teatro, na psicologia e na sociologia. Do ponto de vista técnico, constitui, em princípio, um processo de ação e de interação.

Seu núcleo é a dramatização. Diferentemente das psicoterapias puramente verbais, o psicodrama faz intervir, manifestamente, o corpo em suas variadas expressões e interações com outros corpos. Essa intervenção corporal envolve o compromisso total com o que se realiza, compromisso que é fundamental para a terapia e, conseqüentemente, para o indivíduo e para o desenvolvimento de melhores e mais completos meios de comunicação com seus semelhantes. No psicodrama, não se deixa de fato o verbal, mas, pelo contrário, hierarquizam-se as palavras ao incluí-las em um contexto mais amplo, como é o dos atos. Assim, o indivíduo responsabiliza-se pelo que diz e pelo que faz. Do ponto de vista psicoterápico, essa participação corporal demonstrou, de maneira convincente, ser um valioso método para evidenciar as defesas conscientes e inconscientes do paciente, assim como sua conduta e quadros patológicos.

“Historicamente, o psicodrama representa o ponto decisivo na passagem do tratamento do indivíduo isolado para o tratamento do indivíduo em grupos; do tratamento do indivíduo com métodos verbais, para o tratamento com métodos de ação” (J. L. Moreno).

O psicodrama, além disso, é uma técnica de psicoterapia direta, isto é, nela o processo terapêutico se realiza no “aqui e agora”,

com todos os elementos emocionais constitutivos da situação patológica, que se expressam por meio das personagens e circunstâncias concorrentes. O psicodramatista pode assim atuar *in vivo*, objetivando e analisando a situação presente, quantas vezes for necessário para seu esclarecimento e compreensão. Por outro lado, a transcendência do psicodrama vai desde o individual até o social; mais ainda, suas peculiaridades amalgamam ambos de tal maneira que os faz inseparáveis. O enfoque centrado no indivíduo leva, inevitavelmente, ao reconstruir a cena, ao contexto social em que ela se desenvolveu. O enfoque no grupo social leva, inevitavelmente, ao ser dramatizada a cena, a individualizar as personagens que constituem esse grupo e a caracterizá-las.

A dramatização permite, assim, uma visão conjunta e uníssona desses dois enfoques, bem como de suas interações e influências mútuas.

O psicodrama coloca o indivíduo em seu meio, não o trata como um ser isolado. O homem isolado, só, é uma abstração, não existe. Para ser, nascer, crescer, viver e reproduzir-se, necessita de outros. O psicodrama reconstrói o contexto de cada indivíduo e o põe em movimento. As interações manifestam-se, e já não é o indivíduo isolado o que dramatiza, mas um grupo que expressa suas inter-relações. O psicodrama investiga ao máximo os vínculos e suas características. Não se detém no vínculo bipessoal, mas, além dele, estuda e investiga os vínculos multipessoais e suas influências conjuntas, *in toto*, sem separá-los. Relatar linearmente determinada situação, na qual o indivíduo se vai referindo, sucessivamente, a cada uma das personagens atuantes, não é o mesmo que reviver tal situação com todas as personagens atuando ao mesmo tempo, tal como aconteceu. No relato linear, tais personagens vão surgindo uma após outra, e o paciente vai se referindo ao vínculo e suas características, bem como aos fatos ocorridos entre eles, *sucessiva* e não *simultaneamente*. Na técnica psicodramática, a estrutura particular existente no momento dos fatos é de fundamental importância para a compreensão e expli-

cação das condutas ocorridas. É por isso que a reconstrução espacial e temporal faz parte da rotina psicodramática, e, a partir dela, se iniciam as dramatizações. Daremos a seguir um exemplo no qual a reconstrução permite o esclarecimento de um sintoma.

Marianinha tem 6 anos e há três frequenta o jardim de infância. Até a data da consulta nunca apresentou problemas de adaptação no jardim.

A menina é levada à consulta, por não querer mais ir à escola, dizendo que a professora a castigou. Aconselha-se ao pai que fale com a professora para esclarecer a situação. Pai e filha conversam com a professora, e Marianinha fica na escola. Depois de vários dias, o problema reaparece. A menina se queixa, dizendo que um menino bate nela. Essa é a razão de não querer ir. Há nova entrevista com a mestra, mas, dessa vez, a menina recusa-se a ficar. Diante dessa situação, recorre-se ao psicodrama diagnóstico. Marianinha entra em um grupo diagnóstico. Sua dramatização é a seguinte:

Na escola. Estão em aula. Ela distribui os bancos em forma circular, esclarecendo que são mesas com cadeirinhas independentes. Coloca, em seguida, as crianças e elege um dos egos-auxiliares para o papel de professora. É de manhã, e acabam de chegar. O diretor sugere que os meninos e meninas devem, ao chegar, ir se colocando em seus respectivos lugares. Pede-se à Marianinha que descreva tudo que costuma acontecer quando chegam as crianças, onde deixam suas coisas e qual é o movimento da classe. Repete-se a cena com esses novos dados e a professora intervém para dar vida à dramatização e fazer que as crianças entrem na situação. Obtém-se assim uma cena do jardim de infância e, com base nos fatos contados por Marianinha, a dramatização vai-se desenvolvendo até conseguir um bom nível de espontaneidade. As crianças se movem com desenvoltura, iniciando a interação e criando o clima emocional adequado. Marianinha está entusiasmada e fala com seus companheiros. De repente se detém e, dirigindo-se ao diretor, diz que falta



Alexandre. Pergunta-se a ela quem é Alexandre e onde se senta na classe. Marianinha explica que é um menino anão que tem a cabeça muito grande e a assusta muito (Alexandre, efetivamente, é um menino acondroplásico), que antes se sentava longe, mas agora se senta na frente dela. Passam-se a dramatizar duas situações: com Alexandre longe e em frente. Nesse exemplo, pode-se observar como, ante a reconstrução da situação traumática, emergiu facilmente uma recordação dissociada, que, no relato linear, não aparecia. Nesse caso, as defesas do Eu mantinham fora da consciência a relação existente entre o acontecimento traumático (a presença de Alexandre) e o afeto ligado a ele (medo e fuga). A menina temia ir ao jardim de infância, mas não tinha consciência do porquê de seu medo e buscava explicação mais coerente para ela. A dramatização permitiu o afloramento à consciência do fato traumático, ao ser reconstruída a situação e ao pôr em movimento, simultaneamente, todos os elementos constitutivos daquele fato. A reconstrução dramática atuou, pois, terapêuticamente, ainda antes de qualquer outro tipo de intervenção do psicoterapeuta.

# 1. A sessão de psicodrama

COMO EM OUTRAS PSICOTERAPIAS, a sessão constitui o campo de ação no qual se opera com técnica e finalidades determinadas. Sua estrutura tem de estar, pois, em íntima relação com seus procedimentos e possibilidades. No caso do psicodrama, para se operar, levam-se em conta: três contextos, cinco instrumentos fundamentais e três etapas ou períodos.

## **CONTEXTOS**

- Social
- Grupal
- Dramático

### **CONTEXTO SOCIAL**

Corresponde ao extragrupo, à chamada “realidade social” por Moreno. É regido por leis e normas sociais que impõem ao indivíduo que o integra determinadas condutas e compromissos. É desse contexto que provém o material trazido pelos pacientes para a sessão. Nesse contexto vivem e nele ficaram doentes. O que nos dirão será, pois, um relato dos fatos ocorridos em determinado meio e com sua perspectiva particular.

### **CONTEXTO GRUPAL**

É constituído pelo próprio grupo. Acha-se formado por todos os integrantes, tanto pacientes como terapeutas, suas interações e o